

Banco estrangeiro restringe crédito à espera de sinal do próximo governo

Para instituições, ajuda do FMI não basta. Querem saber como será usada

Aguinaldo Novo

• SÃO PAULO. O esforço do Banco Central (BC) para aumentar o crédito aos exportadores nos últimos dias tem esbarado invariavelmente no mesmo ponto: a falta de interesse dos bancos estrangeiros. Em conversas reservadas com o governo, os banqueiros afirmam que as linhas de crédito comercial não devem ser completamente restabelecidas antes de março do ano que vem.

Isto significa que o mercado não apenas tem dúvidas sobre o resultado da eleição de outubro como também prefere aguardar pelas primeiras medidas do novo governo. O teor dessas conversas foi confirmado por diretores de dois bancos estrangeiros que, até a eclosão da crise, mantinham estreito relacionamento com exportadores.

Empréstimo para exportação caiu 65% em três meses

Essa relação hoje está resstrita a um grupo seletivo de grandes empresas. Segundo os executivos, a decisão de corte de crédito partiu das matrizes, preocupadas em diminuir sua exposição ao Brasil.

— Uma coisa é anunciar que vai ter dinheiro, a outra é como esse dinheiro será usado — afirmou um dos diretores, em referência ao socorro de US\$ 30 bilhões liberado na semana passada pelo Fundo Mo-

netário Internacional (FMI).

Nem o anúncio do novo acordo, diz ele, conseguiu mudar o humor dos investidores. O diretor acrescenta que há preocupações com o rumo das eleições e com o fato de a economia americana exibir sinais de fraqueza. Especialistas estimam que o Brasil precisaria de US\$ 3 bilhões a US\$ 3,5 bilhões até o fim do ano só em Adiantamentos de Contratos de Crédito (ACCs), para financiar a produção de artigos destinados à exportação. A escassez de linhas de crédito é brutal.

O Forex Brasileiro, entidade que reúne bancos e empresas que atuam na área de comércio externo, calcula que a queda tenha sido de 65,6% de abril a junho, na comparação com o primeiro trimestre do ano. O volume de recursos caiu de US\$ 16 bilhões para cerca de US\$ 5,5 bilhões, muito abaixo dos US\$ 13 bilhões que têm sido declarados pelo governo.

— O que assusta é o tamanho da queda. Nunca vi nada igual — diz o presidente do Forex, Carlos Eduardo Sobral.

Sobral afirma que só as grandes empresas têm conseguido algum sucesso na negociação com os bancos. Nestes casos, uma das estratégias empregadas é a de transferir o risco da operação para o importador. O banco adianta o pagamento da venda ao exportador brasileiro, mas, depois do embarque

da mercadoria, quem paga à instituição é o importador.

Na tentativa de quebrar a resistência do mercado, o BC tem promovido uma série de reuniões, seja para dizer que não existe motivo para especulação com o dólar, seja para pedir diretamente a reabertura das linhas de financiamento.

BC: prioridade será retomar crédito ao comércio

Ontem, os diretores Luiz Fernando Figueiredo (Política Monetária) e Ilan Goldfajn (Política Econômica) realizaram teleconferência para 500 analistas. Os dois reafirmaram que o principal uso para os recursos liberados pela redução no piso das reservas cambiais do país (que, pelo acordo do Fundo, passou de US\$ 15 bilhões para US\$ 5 bilhões) será financiar linhas de comércio exterior:

— Os recursos serão usados para aliviar as pressões no mercado de câmbio. As linhas de comércio serão a prioridade — disse Goldfajn.

Segundo Figueiredo, pelo menos para a exportação, a situação já está melhorando. Sem citar números, Figueiredo explicou que muitos exportadores, que não conseguiram financiamentos de um mês no fim de junho, por exemplo, agora conseguem crédito de curtíssimo prazo. ■

COLABOROU: Luciana Rodrigues